

Rural: assembléia decide rumos da greve

Amanhã, às 14 horas, os alunos da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro realizarão uma assembléia geral no campus, para decidir os rumos da greve, que se prolonga desde o dia 19 de março.

O movimento dos estudantes da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro visa a reintegração do auxiliar de ensino Walter Motta, demitido no final do ano passado, e a cessação dos inqueritos policiais-administrativos movidos contra 83 professores que se solidarizaram com o auxiliar de ensino.

Segundo a Reitoria, os estudantes estão correndo o risco de serem reprovados por falta, no semestre, caso a greve continue esta semana. Assessores do Reitor citaram a Lei 5.540, que regula o ensino superior, e que faculta um máximo de 25% de faltas no período letivo.

"Há uma saída para o impasse, sem que os estudantes fiquem prejudicados pelas faltas, mas isso depende de decisão do Conselho Universitário", esclareceram os assessores da Reitoria da Universidade, sem que, no entanto, fornecessem maiores detalhes.

A Universidade Rural do Rio de Janeiro, uma das mais antigas do sistema federal, está localizada no Km 47 da antiga Rodovia Rio São Paulo. Seus cursos de graduação têm as vagas oferecidas através de vestibulares unificados e isolado.

A maior parte de seus 4 mil alunos são de famílias do Rio e de São Paulo, havendo, tam-

bém, alguns estudantes do Sul e Minas Gerais. A Universidade não dispõe de alojamento para todos, mas aqueles que conseguem uma das 2 mil vagas existentes — o critério de seleção é o de rendimento no vestibular — pagam mensalidades que variam de Cr\$ 70,00 a Cr\$ 125,00.

Fora dos alojamentos oficiais há vagas para os estudantes em repúblicas ou casas particulares, e cada um desembolsa uma quantia mensal que pode variar de Cr\$ 500,00 a Cr\$ 2 mil. Há um restaurante no campus, cuja comida é subsidiada pela reitoria. A refeição custa Cr\$ 20,00.

A Universidade oferece também serviços de lavanderia, com preços reduzidos. A lavagem de uma calça de brim, por exemplo, custa Cr\$ 5,00, enquanto que para lavar um pijama, paga-se Cr\$ 10,00.

Para os alunos, os principais problemas que a Universidade enfrenta são a inadequação dos currículos de certos cursos, que segundo afirmam estão distanciados do mercado de trabalho; a falta de transporte interno no campus; e a precariedade do ambulatório. "Quando alguém se machuca aqui, é bom mandar comprar esparadrapo, pois a farmácia do ambulatório está sempre vazia".

Os estudantes criticam, também, a qualidade da comida servida no restaurante: "O feijão está quase sempre com gosto de azedo, e o cardápio nem sempre está condizente com o nosso clima. Servem carne de porco em pleno verão".

O recuo da reitoria

A crise da Universidade Rural caminha, agora, para um desfecho natural: no choque de diretrizes que se evidenciou entre as posições assumidas pela reitoria e pelo MEC, era de se esperar que prevalecesse a política ditada pelo MEC.

Dessa forma, o recuo da reitoria da Universidade, anunciando a reintegração do prof. Walter Mota — cuja demissão foi o ponto de partida para a eclosão da crise que, há quase dois meses, tomou conta da universidade —, esse recuo é o primeiro passo para se

encontrar uma solução que poderá recompor o clima de convivência universitária.

A reitoria isolou-se dentro da universidade, ao assumir posições que descontentaram alunos e professores. Isolou-se, fora da universidade, ao adotar uma diretriz diametralmente oposta à política de diálogo que vem sendo patrocinada pelo Ministro Eduardo Portella.

Outro desfecho significaria a falência dessa política. E um esvaziamento da autoridade do MEC.